

explanção de cada uma, procurou não ficar pelo mínimo mas dar o máximo da sua investigação e do seu saber. Há as que podem classificar-se dentro da bioética fundamental e outras que pertencem, mais propriamente, à ética aplicada. Elas procuram, em todo o caso, inserir-se na problemática bioética da actualidade. Ao leitor cabe, não necessariamente ler a obra de princípio ao fim, mas seleccionar as «entradas» que sejam do seu interesse. Para isso, basta percorrer o índice completo das mesmas, no final do livro.

A título exemplificativo, registamos aqui (apenas) algumas das cento e vinte «entradas» desse mesmo índice (sem menosprezo das três páginas de bibliografia especializada e seleccionada): aborto, alzheimer, anti-concepção, autonomia (princípio de), beneficência (princípio de), bioética, bioinformática, biologia molecular, biotecnologia, qualidade de vida, clonagem, Código de Ética Médica (AMM), comités de ética, consciência moral, confidencialidade, consentimento informado, cuidados paliativos, deliberação moral, direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos, diagnóstico pré-natal, dignidade (princípio de), dilema ético, distanásia, duplo efeito (princípio do), drogodependências, ecocídio, ecoética, ecologia, embrião humano, ensaio clínico, engenharia genética, estado vegetativo, esterilização, eugenésia, eutanásia, fertilidade, feto, gene, genética, genoma humano, genótipo, Helsínquia (declaração de), história clínica, investigação com seres humanos, justiça (princípio de), mãe/maternidade, más notícias (comunicar), morte (diagnóstico de), morte digna, nanotecnologia, neonatologia, neuroética, não maleficência (princípio de), objecção de consciência, obstinação terapêutica, pílula do dia seguinte, precaução (princípio de), Projecto Genoma Humano, religião e bio-

ética, reprodução humana assistida (técnicas de), pílula (Ru-486), saúde pública, telemedicina, terapia genética, totalidade (princípio de), transgénicos (produtos), transplante de órgãos, vulnerabilidade (princípio de), xenofobia, xenotransplante, zigoto.

JORGE COUTINHO

RELIGIÃO

EL TIBI, Zeina, *L'Islam et la femme. Rappel pour en finir avec les exagérations et les clichés*, Desclée de Brouwer, Paris, 2013, 148 p., 175 x 119, ISBN 978-2-220-06533-5.

A autora deste pequeno livro é uma mulher muçulmana. Com qualificação bastante para ser tida como autoridade na matéria: presidente delegada do Observatório de estudos geopolíticos de Paris, especialista no diálogo das civilizações e das sociedades mediterrâneas, membro do *Euro-Med Women Network* do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, etc.

A sua exposição da temática em epígrafe parte da presunção de que o islão é uma religião pura, mas profundamente ignorada e incompreendida pelos ocidentais, com particular verificação no que diz respeito à visão corânica da mulher, especialmente por aqueles que considera os extremistas dos países ocidentais. Alude mesmo, a propósito, a toda uma literatura mal intencionada e pouco científica, apostada em denegrir sistematicamente o islão. É assim que, no seu modo de ver, a mulher islâmica tem constituído uma fonte inesgotável de quiproquós, de polémicas e de incompreensão. Fala de visões caricaturais, divulgadas por textos *prêt à penser*, estereótipos e coisas do género.

Do seu ponto de vista faz parte a concepção do islamismo como religião integradora do propriamente religioso e do irrecusavelmente profano ou civil. O islão – e a autora com ele – ignora o conceito de secularidade enquanto autonomia relativa das realidades temporais. Esta religião – tudo indica – jamais chegará ao «Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César», mesmo que, para o islamismo chegasse, um dia, um movimento de *Aufklärung*, o qual, parece, só teria êxito eliminando de raiz essa religião. A integração das duas esferas é da sua essência. Esta realidade pode viciar muito do que sobre o caso particular da mulher é dito no Corão e dificultar o bom acolhimento do pensamento da autora pelos leitores ocidentais, habituados, e bem, ao sentido da secularidade, por mais que, e mal, em degenerescência crescente para o secularismo.

Mas a verdade é que a autora é muçulmana. No seu direito está, pois, compreender o estatuto da mulher conforme a sua consciência religiosa. Pena será se, porventura, não reconhecer – não nos é dito aqui – direito semelhante à liberdade de consciência das mulheres não muçulmanas. Reconhece, todavia, sem dúvida, que o islão tem cometido os seus erros e que, tal como no cristianismo, muitas coisas têm a sua explicação no respectivo contexto histórico. Propõe-se por isso, no seu livro, regressar às fontes. No caso, ao próprio Corão. É a partir daí que faz a sua apresentação e apologia do que considera a verdadeira visão corânica da mulher, como não sendo um ser de segunda categoria, antes lhe sendo reconhecido um estatuto de respeito e honra e de igualdade com o homem varão. No essencial, pensa ela, o que é preciso é não confundir os desvios e as más práticas de alguns com a correcta visão corânica da mulher.

É assim que, no seu livro, Zeina el Tibi explica, com alguma minúcia e muita clareza, questões que têm perturbado muitos ocidentais: casamento e casal, poligamia, o (para ela, falso) problema do véu, o direito à educação, o estatuto económico, o estatuto legal e o político, bem como temas mais teóricos como o papel da mulher no nascimento do islão, no desenvolvimento da civilização e no reformismo islâmico.

Um livro de fácil leitura, que pode ser útil, não só aos cristãos e aos ocidentais, mas que seria bom também pôr nas mãos de muitas mulheres e homens de religião islâmica, já que a prática continua a ser demasiado contraditória da compreensão da mulher aqui exposta.

JORGE COUTINHO

LITERATURA

GABRIEL, Pedro, **O Profeta e o Anticristo**, Ed. Edita-me, Porto, 2013, 389 p. 235 x 150, ISBN 978-989-743-024-4.

Num tempo em que as livrarias, incluindo as dos hipermercados, abundam em livros de temática esotérica (de que Dan Brown é apenas um caso exemplar), sem dúvida a corresponder a um inusitado gosto por esse género de assuntos – um gosto que pode ser interpretado como indo ao encontro, simultaneamente, de um problemático regresso do religioso sob variadas formas, de uma dentia cristianofobia e do interesse comercial dos autores e editores – este jovem escritor, médico de profissão, lança também no mercado o livro em epígrafe. Trata-se de um livro já qualificado, e bem, pelo Prof. Ângelo Alves como do género «romance ensaístico, de índole filosófica e mística» em que se faz «um diagnóstico dos males da nossa